

AS FACES DE VÊNUS EM *METAMORFOSES* DE OVÍDIO

Nome: Gabriela Strafacci OROSCO
(Orientadora): Profa. Dra. Isabella Tardin Cardoso

RESUMO: Esta publicação tem como principal intenção relatar os passos já dados em minha pesquisa, bem como expor minha tradução de uma passagem das *Metamorfoses* (IV, v. 167-189), de Ovídio. O trabalho, em sua plenitude, contará ainda com a tradução de uma passagem do livro X (v. 298-739), com a análise das fontes da Antiguidade utilizadas pelo poeta romano (estudo intertextual) e com a análise da recorrência dentro da obra do próprio autor dos mitos estudados (estudo intratextual).

Estudos das fontes utilizadas por Ovídio nas passagens estudadas

Nosso trabalho pretende a tradução e o estudo dos mitos de Vênus comuns às obras *Remedia Amoris* e *Metamorfoses* do poeta romano Ovídio (43 a.C – 18 d.C). Como amostra, apresentamos a tradução do episódio de Vênus e Marte.

Tradução: *Metamorfoses*, livro IV, v. 167-189.

Terminara¹; e houve breve intervalo de tempo, e²

Leucónoe começou a falar. As irmãs contiveram a voz.

170 “Também aquele que com sua luz rege todos os astros,

O amor capturou: o Sol; do Sol³ os amores narraremos.

Julga-se que este deus foi o primeiro⁴

a ver o adultério de Vênus com Marte: este deus vê tudo primeiro.

Condoeu-se do fato e revelou ao marido, filho de Juno,⁵

¹*Terminara*: a irmã de Leucónoe acaba de contar a história de Píramo e Tisbe (IV, 55-166).

²O polipteto “e...e...” que adotamos na tradução tenta recuperar a seqüência de conectivos aditivos que no original latino se dá de forma mais variada “*mediumque...et*”.

³Procuramos manter em português a ordem que favorece a proximidade dos termos *Solem/Solis*, que em latim formam um polipteto.

⁴Optamos por considerar *primus* um adjetivo que qualifica o substantivo *deus*, assim como fizeram George Lafaye (na edição de *Metamorfoses* da Belle Lettres), e Frank Justus Miller na respectiva edição da Loeb. Uma outra opção seria traduzir o termo como advérbio em referência a *putatur* (“primeiramente se julga”), ou a ordem da narração.

o crime contra o casamento⁶ e o local do 175 crime.⁷
Mas, quanto a esse, lhe escaparam⁸ tanto a razão quanto o artefato
Que sua mão direita segurava: imediatamente, do ar⁹,
Ele lima cadeias delgadas
E redes e laços capazes de iludir os olhos,
(não venceriam tal obra os fios mais finos,
Sequer a teia de aranha pendurada do alto caibro).
Ele os coloca com arte, circundando o leito,
180 a fim de que respondam e, em poucos instantes, a leves toques.
Quando vieram a esposa e o adúltero se unir em um só leito,¹⁰
Presos pela arte¹¹ do esposo e pelos vínculos preparados com a nova técnica, ficam
180 Imobilizados, ambos, em plenos abraços¹²
O Lêmnio¹³ imediatamente¹⁴ escancarou as portas

⁵ Trata-se do deus Vulcano, filho de Juno (cf. Homero, *Il.* 1, 571-2). O substantivo composto *Iunonigena* (v. 172) é registrado apenas aqui (*hapax legomenon*). Cf. *Thesaurus Linguae Latinae*; Hill, 1985, p. 238. É notável que Juno é precisamente a deusa que zela pelo casamento, não raro caracterizada como ciumenta. Sobre o ciúme como tema unificador das histórias que Leucónoe contará acerca do sol (*Met.*, IV, 190-273), cf. *Met.* IV, 191-3; Hill, 1985, p. 238.

⁶ Literalmente *furta tori* significa “crime contra o leito nupcial”, por metonímia, “crime contra o casamento”.

⁷ Notável o polipteto em *furta...furti*.

⁸ O mesmo verbo (*excipere*), é usado em dois sentidos: um mais concreto, com *artefactus* designa a queda do objeto; já *excipere mens* significa “perder a razão”, “sair de si”.

⁹ No verso 176 observamos a aliteração em *ex: excidit/ extemplo/ ex aere*, o que nos parece acentuar o caráter súbito (*extemplo*) da reação do marido traído. Outra hipótese: *ex* (“fora de”) ressaltaria que o deus estaria, num primeiro momento, como que “fora de si” (*mens...excidit*), cf. nota acima.

¹⁰ *Vt venere torum coniunx et adulter in unum* (180): notam-se nessa passagem duas possíveis brincadeiras de Ovídio. Uma se dá pela escolha do termo *uenere* (“vieram”, forma alternativa de *uenerunt*, pretérito do verbo *uenire*), homógrafo do ablativo do substantivo abstrato *uenus*, “amor”. Outra, na expressão *adulter in unum*, que lembra o termo *adulterium*, anteriormente mencionado. Com tais jogos de palavra o poeta imitaria (ou emularia sonoramente) a ilusão visual da arte de Vulcano.

¹¹ Com o termo “arte”, traduzimos a palavra latina *ars*, que pode significar também “técnica”, ou “artifício”. Embora esse sentido seja o mais próximo do contexto do verso 183, preferimos manter a repetição do vocábulo, tal como se dá no texto ovidiano (cf. v. 181).

¹² A ordem das palavras do verso, privilegiando, no centro, em meio a *ambo... amplexibus*, o termo *deprepsi* (“presos”), como que cercando as palavras entre os demais termos, não nos parece casual. A frequência com que Ovídio contaria com tal percepção por parte de seu público será ainda investigada.

ebúrneas e adentrou os deuses.
Os outros jaziam atados torpemente.
Mas alguém, dentre os deuses nada tristes,
queria ficar torpe assim.¹⁵
Os súperos riram, e por longo tempo essa história foi famosíssima em todo o céu.

Nesta fase da pesquisa, preocupei-me com a identificação das possíveis fontes ovidianas, bem como com as diferenças entre as versões dos mitos referentes, de um lado, ao triângulo amoroso, Vulcano, Vênus e Marte, e, de outro, à história de Mirra (v. 298-739).

Quanto ao primeiro mito, em nota aos versos 171-270 do livro IV, Hill (1985, p. 238)¹⁶ comenta: *This story originates in Demodocus' song to the Phaeacians and Odysseus (Hom. Od. 8.266-366). Ovid had retold the story at length before (Ars Am. 2.251ff) in a highly discursive manner only loosely based on Homer; this version is very brief and very different from the young Ovid's and from Homer's in its details.*

Num próximo momento, pretendo verificar com mais cuidado as afirmações de Hill, confrontando os textos indicados de Homero (*Od. VIII, 266-366*) e da *Arte de Amar* ovidiana (*Ars 2, 251 e seguintes*). O confronto dos referidos textos promete ser profícuo para a comparação que prevíamos no projeto, a saber, a relação entre a história de Mirra das *Metamorfoses* e a menção ao mesmo mito em *Remedia Amoris*¹⁷, não referido por Hill em tal passagem.

A diversidade de fontes sobre a história de Mirra é indicativo de que o mito teria sido muito popular (cf. Hill, 1985, p. 175). Por volta de 140 a.C.¹⁸, Apolodoro afirma em sua *Biblioteké* (3.14.4), que um certo poeta épico do século V a.C., Paníase, já a teria contado. Nos versos 828-830 de *Alexandra*,

¹³Vulcano é chamado de *Lemnius*, pois esse deus teria caído na ilha de Lemnos (principal local de culto a Vulcano) ao ser precipitado do Olimpo por Júpiter.

¹⁴Mantivemos a repetição do termo “imediatamente” (*extemplo*, v.176 e 185) na tradução.

¹⁵*aliquis...optat/sic fieri turpis* (187-188): trata-se do deus Mercúrio, conforme Homero (*Od. 8.338-42*) e a versão anterior de Ovídio (*Ars Am. 2.585*). Cf. Hill, 1985, p. 238.

¹⁶ Ovidius, *Metamorphoses*: 1/4. Hill (ed.). Warminster, Aris & Phillips, 1985.

¹⁷“Se tivesses percebido logo o tamanho da falta que ias cometer, não cobririas, Mirra, teu rosto de cortiça” (*Si cito sensisses quantum peccare parares / Non tegeres uultu còrtice, Myrrha, tuos*, v. 99 e 100).

¹⁸Cf. verbete “Apollodorus” in M. Howatson (ed.), *Oxford Companion to Classical Literature* (doravante *OCCL*).

uma obra atribuída a Licofronte (c. 320 a. C.)¹⁹, menciona-se que Adónis teria nascido da árvore da mirra. Antonino Liberal²⁰ (34) conta uma versão da história atribuída já ao poeta grego do início do século V a.C., Ferecides de Leros e de Atenas.²¹ Mencionado por Catulo (em seu poema 95), o epílio *Zmyrna*²² (de autoria de Cina – *Gaius Heluius Cinna* – poeta romano amigo de Catulo), poema admirado por seus contemporâneos por sua vasta erudição, não foi transmitido à Modernidade²³, de forma que não é possível avaliar sua influência sobre a respectiva narração poética de Ovídio.

Tendo em conta as demais versões transmitidas, estudiosos apontam aspectos particulares da versão ovidiana. Dentre eles destaco, primeiramente, um aspecto genealógico: apenas Ovídio associa a genealogia de Mirra à de Pigmalião (cf. Hill, 1999, p. 175). Importante: observar mais de perto o tratamento ovidiano do mito possibilita-me corrigir um aspecto que, baseando-nos em informação mais geral sobre o mito, havia sido apontado no projeto, a saber, quanto à caracterização da metamorfose de Mirra como uma vingança de Vênus contra a moça, que lhe teria negado homenagens. Hill (1999, p. 175) comenta: *Panyasis, probably, but not Nicander or Ovid, attributes Myrrha's fate to the refusal to honor Aphrodite.*

Precisaria ainda consultar Nicandro²⁴, mas, de fato, na respectiva passagem das *Metamorfoses*, dois aspectos contribuem para tirar a responsabilidade mais direta de Vênus sobre a paixão de Mirra pelo pai. O primeiro é a ausência de menção da deusa como provocadora da história: Ovídio costuma deixar clara a influência da deusa do amor em outros episódios. O segundo aspecto consiste no relato, em discurso indireto, do depoimento de Cupido sobre ter tido alguma

¹⁹Ou, a Pseudo-Licofronte, tendo em vista as suspeitas quanto à autoria de *Alexandra*, monólogo dramático atribuído ao referido poeta helenístico proveniente de Cálcis, cf. verbete “Lycophron” in *OCCL*.

²⁰Antonino Liberal (*Antoninus Liberalis*), autor de uma coleção de histórias curtas sobre metamorfoses, teria vivido na época dos Antoninos ou dos Severos (entre os séculos II e III de nossa era). Nos fragmentos de sua obra transmitidos, citam-se nomes de outros autores de obras concernentes à mitologia. Cf. “Antoninus Liberalis” in H. Cancik; H. Schneider (eds.), *Der neue Pauly*, Bd. I, 1996.

²¹Sobreviveram apenas fragmentos dos dez livros em que Ferecides narraria episódios mitológicos. Cf. verbete “Pherecydes” in *OCCL*.

²²*Myrrha*, *Smyrna*, *Zmyrna* são variantes dialéticas do mesmo nome cf. Hill, 1999, p. 175.

²³Sobre *Zmyrna* de Cina, Hill (Ovidius, *Metamorphoses*: 9/12. Hill (ed.). Warminster, Aris & Phillips, 1999, p. 175) comenta: “The version most famous in Antiquity is the lest known to us”.

²⁴Em grego *Nikandros*: trata-se de Nicandro de Cólofon, poeta helenístico do segundo século antes de Cristo. Cf. verbete “Nicander” in *OCCL*.

participação na história de Mirra: “O próprio Cupido nega que suas setas tenham te prejudicado, /Ó Mirra, e ele isenta suas tochas de um tal crime. /Uma única irmã, dentre as três, com bordão estígio, e com iradas serpentes, / infectou-te...”²⁵. Cupido joga, pois, sobre “uma das três irmãs ornadas de iradas serpentes” (*tumidisque... echidnis/ e tribus una soror*, *Met. X*, 313-314), i. e., sobre uma das Fúrias,²⁶ a responsabilidade por tal amor incestuoso.

No entanto, no contato mais direto com o texto latino, durante a tradução, pudemos perceber a presença, ainda que sutil, do termo *Venus* na narração do episódio de Mirra (v. 298-518): v. 324, 434. Trata-se de um uso metonímico (i.é denota amor), mas que não deixa de fazer certa referência à deusa, cujo atributo é apontado através de tal recurso. Embora Hill descarte sua atuação, a deusa não está, pois, de todo ausente.

À luz do excerto das *Metamorfoses* acima transcrito (v.313-4), pretendo, na próxima etapa do trabalho, rever minha interpretação dos versos respectivos de *Remedia Amoris*²⁷, já associados em nosso projeto ao episódio.

Se, de um lado, a observação, ainda preliminar, da relação do tratamento propriamente ovidiano do mito com outras fontes antigas, me leva a precisar observações mais gerais do plano de pesquisa, de outro, permite ainda confirmar um aspecto previsto de forma bastante intuitiva no mesmo projeto: a presença do mito de Hipólito em uma passagem de Ovídio. Mais especificamente, inicialmente, uma alusão à história de Hipólito havia sido cogitada, diante da referência, à primeira vista apenas metonímica, quanto a uma competição entre Diana e Vênus: “Ou então, cultiva o gosto pela caça, com frequência Vênus bate em retirada, vergonhosamente vencida pela irmã de Febo”.²⁸ Transcrevo a pergunta despertada em mim por esse verso: “Será que as deusas são identificadas com aquilo que representam e o poeta acaba por sintetizá-las na personificação, reduzindo seu mito ao atributo freqüentemente designado a elas? Ou teríamos aqui uma alusão a algum episódio mitológico, com que o poeta reforçaria sua argumentação (caça x amor)?”.

²⁵*Ipsē negat nocuisse tibi sua tela Cupido/Myrrha, facesque suas a crimine uindicat isto;stipitite te Stigio tumidisque adflauit echidnis/ e tribus una soror. (...)* (*Met. X*, 311-314)

²⁶Cf. notas aos versos *Met. X* 310 e também *X*, 349 de Hill (1999, p. 175 e 177).

²⁷“Se tivesses percebido logo o tamanho da falta que ias cometer, não cobririas, Mirra, teu rosto de cortiça” (*Si cito sensisses quantum peccare parares / Non tegeres uultus cōrtice, Myrrha, tuos*, v. 99 e 100.)

²⁸*Vel tu stadium cole; saepe recessit / Turpiter a Phoebi uicta sorore Venus, Remedia Amoris*, (v. 199 e 200).

Ora, um episódio em que tal combate se dá muito claramente é o de Hipólito²⁹, retratado tanto na tragédia homônima de Eurípedes quanto, mais tarde, em *Fedra*, de Sêneca. Sabe-se que, na lenda, o filho de Teseu, um jovem casto, amante da caça e da solidão, sofre com a ira da deusa do amor. Isso porque, ignorando seu culto, ele homenageara apenas Diana, a deusa da caça. Vênus vingava-se inflamando em Fedra, sua madrastra, o amor por Hipólito. Vendo-se rejeitada, Fedra acusa o jovem de tê-la violentado e faz com que Teseu provoque a morte do próprio filho.

É, pois, muito provável que, na menção, aparentemente apenas metonímica, do nome de Vênus (e de Diana) em *Remedia Amoris* (199-200), a presença do mito efetivamente seja evocada e sirva de reforço a um preceito aos mortais (“ocupe-se da caça, para esquecer uma desventura amorosa”)³⁰. Pode-se observar no exemplo acima a clara interferência da deusa do amor no transcorrer da lenda. Se o leitor ovidiano percebe a alusão, aquilo que, à primeira vista, parece mera metonímia, comum em vários autores antigos, é na poesia de Ovídio revivificado mitologicamente, de modo que a advertência ao mortal comum (algo como “ocupe-se, para esquecer do amor”) é reforçada pelo exemplo mítico.

As faces de Vênus: esboço de uma leitura intertextual

Durante o processo de tradução, na medida em que aprofundava a leitura dos excertos de *Metamorfoses*, confrontei os textos latinos escolhidos para análise, focando a articulação dos mitos que envolvem a deusa Vênus com as narrativas ou com a temática de *Remedia Amoris*. O estudo comparativo sugere a articulação de uma teoria ovidiana a respeito do amor.

No caso de *Remedia Amoris*, como o próprio título anuncia, o poeta trata tal paixão como uma doença, seguindo uma longa tradição: não é por acaso que a palavra *pathos* designa em grego “paixão” (de forma geral, incluindo o medo, a ira, etc.) e “doença.” É importante enfatizar que Ovídio se opõe com isso à argumentação desenvolvida em sua obra anterior, *Ars Amatoria*, na qual o poeta trata tal sentimento de forma, digamos, mais positiva, equiparando-o a uma

²⁹Agradeço ao Prof. Dr. Flávio de Oliveira pela lembrança do mito de Hipólito durante a apresentação do projeto no Seminário de Pesquisa em Graduação (Sepeg – IEL - Unicamp), em 2006.

³⁰Ora, é interessante observar que, também na versão ovidiana do mito de Mirra nas *Metamorfoses*, a história de Hipólito já tem sido apontada. Mais particularmente, estudiosos destacam semelhanças entre a ama de Mirra em Ovídio e a ama de Fedra na tragédia *Hipólito* de Eurípedes. Cf. Hill, 1995, p. 175; Otis, 1996, p. 391-2; 1970, p. 410-1; Forbes Irving, p. 274-7

“arte” que pode ser ensinada por meios de conselhos. Tais conselhos, tanto em um quanto em outro poema, são fundamentados através da mitologia.

Na *Ars*, portanto, trata-se do uso do mito como *exemplum*³¹. Segundo Graf, as narrativas míticas utilizavam-se de uma conhecida linguagem com a qual se falava sobre relacionamentos e experiências humanas. O mito como *exemplum* era usado em gêneros que o tinham como uma de suas maiores armas retóricas³², dentro desse universo lingüístico à parte, no qual a própria menção ao mito evocaria um tom admoestatório. No caso de *Remedia Amoris*, Ovídio cita muitos personagens de desastrosas histórias de amor, e afirma que aquelas não teriam ocorrido se, por absurdo, tivesse havido a interferência do poeta (v. 65-6).

Tendo em vista a relação de Ovídio com a mitologia, tentamos responder (ainda de forma provisória) uma das perguntas suscitadas no projeto inicial: em que medida a presença de Vênus em *Remedia Amoris* é retomada em *Metamorfoses*? Ou, qual é a relação entre a Vênus de *Metamorfoses* e a já apresentada em *Remedia Amoris*?

Para alcançar tal resposta, será necessário sistematizar, a princípio, os usos do termo *Venus* em ambos os poemas, a saber, o uso metonímico e a referência ao enredo das lendas míticas. Como dissemos, o uso metonímico consiste na utilização, durante o discurso, do termo “*Venus*” como equivalente a “amor”. Recurso comum na poesia antiga, o poeta substitui constantemente o substantivo comum, atributo da deusa, pelo seu nome: “Agora vou te dizer o que fazer durante o ato mesmo de Vênus”³³. Terá sempre uma função a menção do nome de Vênus, ainda que metonimicamente? Será simples ênfase? *Antecipatio*?

Além disso, é possível que mesmo o uso metonímico de termo *Venus* contribua para reforçar o uso da mitologia como “arma retórica”: ao intercalar o nome da deusa e seu atributo, o poeta suscitaria no leitor a mesma confiança reforçada pelas lendas míticas nos conselhos dados, trazendo à sua memória a temática constante do amor de conseqüências nefastas, o qual fora provocado em muitas situações pela ira da deusa, por exemplo. Esse é o caso específico da história de Mirra, um dos mitos traduzidos neste projeto.

Uma outra questão que nos desperta interessa é o fato da admoestação pressupor a confiança do leitor. Quanto a isso, Francisco Achcar³⁴ menciona, ao

³¹ “Myth in Ovid”, Fritz Graf, in *The Cambridge Companion to Ovid*, Ed. Philipie Hardie, Cambridge University Press, 2002.

³² Novamente, emprestamos a expressão de Graf, no artigo já citado.

³³ *Nunc tibi, quae médio Veneris praestemus in usu, / Eloquar (Remedia Amoris, v.357-8).*

³⁴ *Lírica e Lugar Comum – Alguns temas de Horácio e sua presença em Português*, Francisco Achcar, Edusp, 1994.

tratar de Horácio, a *fides* que, segundo Archibald W. Allen, seria o termo mais apropriado para resumir a idéia de “sinceridade” da obra, significando “confiança” ou “pacto de lealdade”: “*Fides* é uma disposição que a obra deve suscitar no receptor, quer se trate de uma peça oratória, quer de um poema”³⁵. E ainda “*Fides* se associa, pois, ao efeito de verdade (*veritatem*) que o discurso deve produzir...”³⁶. A partir de tal referência, é plausível pensar a poesia de Ovídio dentro de tal panorama, no qual o poeta recorre à mitologia, à ficção, para exemplificar e convencer o leitor da verdade de seus preceitos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Oxford Companion to Classical Literature, M. Howatson (ed.).

ACHCAR, F. (1994). *Lírica e lugar-comum*. São Paulo: Edusp.

CAIRNS, F. (1972). *Generic Composition in Greek and Roman Poetry*. Edinburgh: Edinburgh University Press.

CONTE, G. B. (1994). *Latin Literature - A History*. Translated by Joseph B. Solodow. Revised by Don Fowler and Glenn W. Most. Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press.

_____. (1996). *The Rethoric of Imitation. Genre and Poetic Memory in Virgil and other Latin Poets*. Translated and prefaced by Charles Segal. Ithaca/London: Cornell University Press.

GRAF, F. (2002). “Myth in Ovid”, in *The Cambridge Companion to Ovid*, Ed. Philipie Hardie, Cambridge University Press.

HILL, D.E. (1985). *Ovid, Metamorphoses*, ed. Warminster, Aris & Phillips.

³⁵ Idem, pág. 44.

³⁶ Ibidem, idem.